

# LINGUASAGEM

## AS INTER-RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE COM VISTAS AO ENTENDIMENTO DO ESPERANTO NO BRASIL<sup>1</sup>

Caio Vinícius da Silva BARROS (UFSCar)<sup>2</sup>  
Caroline Carnielli BIAZOLLI (UNESP)<sup>3</sup>

### RESUMO

Neste artigo, objetivamos descrever e analisar a situação atual do esperanto no contexto brasileiro, por meio de reflexões acerca das inter-relações entre língua, cultura e sociedade, já que partimos do pressuposto de que, para o real entendimento de uma língua, em sua condição linguística e contextual, a consideração dessas correlações é fundamental (LABOV, 2008[1972]). Para isso, com base em pesquisas bibliográfica e documental, organizamos um *corpus* constituído de materiais que versam sobre o esperanto no Brasil, produzidos em âmbitos discursivos diversos (acadêmico e outros). Esperamos colaborar com a bibliografia existente sobre o tema, servir como fomento a novas investigações que levem em conta o mesmo objeto e promover o conhecimento acerca do esperanto a especialistas e ao público em geral.

**Palavras-chave:** Esperanto; Língua e sociedade; Pesquisa bibliográfica.

### RESUMEN

En este artículo, nuestra intención es describir y analizar la situación actual del esperanto en el contexto brasileño, por medio de reflexiones acerca de las inter-relaciones entre lengua, cultura y sociedad, ya que partimos del supuesto de que, para el real entendimiento de una lengua, en su condición lingüística y contextual, la consideración de esas correlaciones es fundamental (LABOV, 2008[1972]). Para eso, basado en investigaciones bibliográfica y documental, organizamos un *corpus* constituido de materiales que tratan sobre el esperanto, producidos en diferentes ámbitos discursivos (académico y otros). Esperamos contribuir con la bibliografía existente sobre el tema, servir como fomento a nuevas investigaciones que toman en cuenta el mismo objeto y promover el conocimiento acerca del esperanto a especialistas y al público en general.

**Palabras clave:** Esperanto; Lengua y sociedad; Investigación bibliográfica.

---

<sup>1</sup> Artigo derivado de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq e de tema homônimo.

<sup>2</sup>Graduando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: [cvsbarros@estudante.ufscar.br](mailto:cvsbarros@estudante.ufscar.br)

<sup>3</sup> Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/FCLAr) e professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: [caroline.biazolli@ufscar.br](mailto:caroline.biazolli@ufscar.br)

## Introdução

O esperanto, como objeto de pesquisa no campo dos estudos linguísticos, mantém-se sob pouca ou quase nenhuma atenção da investigação científica brasileira, o que nos faz dizer, por exemplo, como aponta Oliveira, K. (2016a, p. 01) ao citar Oostendorp (2000), que “alguns linguistas consideram o estudo científico do esperanto como não importante, uma vez que ele não é uma língua que surgiu natural e espontaneamente no seio de uma sociedade” – postura inapropriada diante de uma temática aparentemente tão rica e complexa, que ainda requer muitas pesquisas para o seu real entendimento. É na contramão dessa noção simplista que se inseriu nossa pesquisa. Assim, seguem algumas evidências empíricas de que o esperanto se encontra presente na atualidade:

- A *Wikipedia* contabiliza atualmente mais de 300 mil artigos em esperanto<sup>4</sup>;
- O esperanto é uma das mais de cem línguas suportadas pelo *Google Translate*<sup>5</sup>;
- O Projeto de Lei 6162/2009, em tramitação na Câmara dos Deputados, dispõe sobre a inclusão facultativa do ensino do esperanto no ensino médio<sup>6</sup>;
- O Projeto de Lei Ordinária nº 571/2021, proposto pelo deputado estadual Ronaldo Medeiros (MDB) e em processo de aprovação no Estado de Alagoas, visa incluir o Dia do Esperanto no calendário oficial de eventos do estado<sup>7</sup>;
- Em 2019, a cidade de São Carlos/SP sediou o 13º Congresso Paulista de Esperanto<sup>8</sup>;
- São ofertados cursos presenciais de esperanto em algumas universidades públicas brasileiras, como no Instituto de Química da USP de São Carlos e nos Centros de Línguas da UFPR e da UFC;
- Em 11 de setembro de 2020, o canal do *Youtube* Wikitongues publicou um vídeo de uma falante nativa de esperanto falando sobre seu uso da língua<sup>9</sup>.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://eo.wikipedia.org/>. Acesso em: 06 set. 2021.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://translate.google.com/intl/pt-BR\\_ALL/about/languages/#!/eo](https://translate.google.com/intl/pt-BR_ALL/about/languages/#!/eo) . Acesso em: 06 set. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/454210> . Acesso em: 06 set. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em: [https://sapl.al.al.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2021/7250/protocolo\\_20210607\\_095538.pdf](https://sapl.al.al.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2021/7250/protocolo_20210607_095538.pdf) . Acesso em: 03 out. 2021.

<sup>8</sup> Atestado pelo pesquisador do presente trabalho, que compareceu ao evento.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://youtu.be/A9BO3Sv1MEE> . Acesso em: 08 set. 2021.

Em nossa pesquisa, defendemos a língua esperantista como uma língua viva nos dias de hoje, falada por milhões de pessoas no mundo e com registro de falantes nativos (LINDSTEDT, 2010<sup>10</sup>), bem como uma língua conhecida em determinadas comunidades brasileiras, espalhadas pelo país, que a praticam e se interessam pela sua cultura.

O que pretendemos, então, além de contribuir com os resultados para os estudos da área, é dedicarmo-nos às inter-relações entre língua, cultura e sociedade a fim de descrevermos e analisarmos a situação atual do esperanto no Brasil. Partimos do pressuposto de que, para interpretar a história de determinada língua, é fundamental que essa história seja integrada com a vida e a história daqueles que a falam (LABOV, 2008[1972]). Desse modo, propomo-nos à realização de levantamentos bibliográfico e documental a respeito da língua e cultura esperantistas no Brasil – embora alguns materiais não propriamente brasileiros tenham sido incluídos no *corpus*, por motivo de sua relevância no esperantismo.

Dado o limite da extensão deste artigo, selecionamos alguns materiais de nosso *corpus* para serem apresentados e discutidos<sup>11</sup>. Antes de nossas análises, explicamos a razão de nossa filiação à Sociolinguística e, depois, explicitamos qual foi a metodologia adotada neste estudo.

### **Língua, cultura e sociedade: a preferência pela Sociolinguística Variacionista**

Na literatura, podemos encontrar algumas menções explícitas à importância da cultura nos estudos da língua(gem), por exemplo, em Câmara Jr. (1965, p. 18), que diz:

A língua se apresenta, pois, como um microcosmos da cultura. Tudo que esta última possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Neste sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas como ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura. E mais ainda, como elemento da cultura, a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma uma coisa cultural de per si, à maneira da religião, da organização da família, da arte da pesca etc.; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação. (...) Essa sua qualidade de representar a cultura e de todo um mundo cultural ser visto e expresso através dela cria na língua um elo com a cultura, muito amplo e muito profundo. (...)

---

<sup>10</sup> apud OLIVEIRA, K. 2016a.

<sup>11</sup> Quando pertinentes, menções a outros materiais que também pertencem ao *corpus* e foram examinados, mas não contemplados neste texto, serão feitas.

Até que ponto a língua depende da cultura e até que ponto vai influir na cultura a configuração formal da língua?

E também em Bagno (2011, p. 356),

(...) é incontestável que as línguas são o elemento mais importante de uma cultura, de uma sociedade. Seu vínculo estreito com a identidade individual, comunitária e nacional converte a língua ou as línguas (...) em poderosos fatores de tensão política, de sofrimento psicológico, de manipulação ideológica e toda sorte de dinâmica sociocultural. As línguas sempre têm sido bandeiras debaixo das quais grupos específicos se reúnem para defender ou reivindicar seus direitos (...). Essa dupla personalidade da “língua” faz dela um amálgama no qual é praticamente impossível separar o que é propriamente linguístico, o que pertence à estrutura ou ao sistema linguístico (se é que isso existe), e o que é construto cultural, social, político, ideológico.

Como os dois fragmentos acima demonstram, fica evidente que a cultura se encontra imbricada na língua, ambas correlacionadas à sociedade, de modo que seja difícil tratar de língua sem se referir, direta ou indiretamente, à cultura da comunidade linguística a ser investigada. Além disso, corrobora essa asserção o que Alkmin (2012, p. 31-32) nos diz sobre o início da Sociolinguística:

De fato, a constituição da Sociolinguística se faz, claramente, a partir da atividade de vários estudiosos e pesquisadores que deram continuidade à tradição inaugurada no começo do século XX por F. Boas (1911) e seus discípulos mais conhecidos — Edward Sapir (1921) e Benjamin L. Whorf (1941): a chamada Antropologia Linguística. Nessa vertente, em que linguagem, cultura e sociedade são considerados fenômenos inseparáveis, linguistas e antropólogos trabalham lado a lado e, mesmo, de modo integrado. Nesse sentido, o que há de novo é a definição de uma área explicitamente voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da Linguística (...).

A Sociolinguística é um campo de investigação que nasceu nos anos 1960, contrapondo-se às correntes formais que até então predominavam nos estudos linguísticos, as quais excluía os fatores sociais. Este campo vai se debruçar sobre as relações entre língua e sociedade, mais especificamente, sobre assuntos como o contato linguístico (empréstimos, interferências, misturas, etc), o comportamento dos falantes sobre uma determinada variedade linguística (preconceitos, hipercorreção, etc.), a variação e mudança linguísticas e as políticas de línguas. Consoante a tudo isso, seu objeto é a língua viva, “observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN, 2012, p. 33).

Esse campo de conhecimento não é homogêneo; pelo contrário, sob o mesmo nome congregam-se diversas vertentes de estudo. Entretanto, é a Sociolinguística

Variacionista, ou Laboviana, que se dedicará a uma análise probabilística dos fenômenos de variação que são inerentes às línguas naturais. É a esta que nos filiamos no presente trabalho, embora nosso propósito ainda não seja o de nos debruçarmos sobre um fenômeno variável do esperanto, mas sim mobilizar as ideias precursoras dessa linha de pesquisa que inter-relacionam língua, cultura e sociedade, para o real entendimento da língua esperantista, considerando sua condição linguística e contextual.

Na vertente da Sociolinguística Variacionista, o linguista norte-americano William Labov (1927-atual) é tido como o maior expoente. Para Labov, designar seu campo de estudo de *sociolinguística* é redundante, uma vez que, segundo ele, fazer linguística ignorando o aspecto social é inconcebível (LABOV, 2008[1972]).

Efetivamente, é a partir da Teoria da Variação e Mudança, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (WLH) (2006[1968]), que é impulsionada uma outra concepção de língua, a qual se contrapõe à formulação de que a mesma seja um sistema imanente, abstrato e homogêneo, descolado do social. Paiva e Duarte (2006) apontam que, muito antes desse campo de estudos se firmar, já se propunha o tópico da heterogeneidade das línguas, porém é com WLH que o aspecto *ordenado* é atribuído à heterogeneidade, isso “que permite atribuir à variação um caráter sistemático e controlado que até então lhe fora negado” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 133). As teorias linguísticas ditas formalistas que postulam a homogeneidade abstraem a variação, entendendo-a como uma característica acidental das línguas e, portanto, não lhes sendo constitutiva. Como exposto por Monteiro (2008, p. 57),

Nesse sentido, Weinreich (*ap. Labov, 1972*) raciocina que, numa língua que serve a uma comunidade complexa (isto é, real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (...).

## **Esperanto em foco: a preferência por uma teoria linguística das situações reais de uso**

O esperanto é uma língua planejada e construída no século XIX pelo médico polonês L. L. Zamenhof (1859-1917), e que atualmente é falada no mundo inteiro, especialmente no Brasil. Ao contrário do que muitos imaginam, segundo a *Universala Esperanto-Asocio* (UEA; PB: Associação Universal de Esperanto), a ideia de uma língua

internacional planejada não visa substituir as línguas nacionais<sup>12</sup>, mas tão somente servir de língua adicional, uma segunda língua para todos poderem se comunicar igualmente<sup>13</sup>.

Gesser (2009), em sua obra voltada aos leigos em libras, dedica duas notas de rodapé de caráter instrutivo ao esperanto, ao responder à pergunta “a língua de sinais é artificial?”. Seguem abaixo o excerto destacado e as notas de rodapé:

A língua de sinais dos surdos é natural, pois evoluiu como parte de um grupo cultural do povo surdo. Consideram-se “artificiais” as línguas construídas e estabelecidas por um grupo de indivíduos com algum propósito específico. O *esperanto*<sup>1</sup> (língua oral) e o *gestuno* (língua de sinais) são exemplos de línguas “artificiais”<sup>2</sup>, cujo objetivo maior é estabelecer a comunicação internacional. Esse tipo de língua funciona como uma *língua auxiliar* ou *franca*. O gestuno, também conhecido como *língua de sinais internacional*, é, da mesma forma que o esperanto, uma língua construída, planejada.

(<sup>1</sup>) Atualmente, a língua auxiliar planejada mais falada é o esperanto. O russo Ludwik Lejzer Zamenhof, oftalmologista e filólogo, publicou, em 1887, a versão inicial do idioma, com o objetivo de criar uma língua de aprendizagem muito fácil, que funcionasse como língua franca internacional para os povos de todos os cantos do mundo. Sabe-se, entretanto, que nenhuma nação adotou o esperanto como sua língua, mas registra-se um uso por uma comunidade de mais de 1 milhão de falantes. A língua é empregada em várias situações e os adeptos do movimento esperantista implementam e desenvolvem cursos do esperanto em alguns sistemas de educação (Santiago, 1992).

(<sup>2</sup>) Os seguidores do movimento esperantista não utilizam o termo “artificial”, pois acreditam que há, sim, aspectos naturais na comunicação no esperanto, e preferem termos como linguagem planejada ou auxiliar para defini-lo. Eles argumentam que as linguagens naturais também têm “certa artificialidade”, quando se pensa nas medidas normativas (gramáticas normativas) que postulam regras para as línguas de uma forma geral. Trata-se de uma questão conceitual, polêmica e em constante debate (Santiago, 1992). (GESSER, 2009, p. 12-13, grifos da autora).

Silva (2019, p. 18, grifos da autora), em seu manual de fonética e fonologia, menciona o esperanto ao distinguir os conceitos de língua natural e língua artificial, como segue:

Línguas que se desenvolvem sem interferência formal externa são chamadas **línguas naturais**. O português é uma língua natural por evoluir de acordo com parâmetros gerados pela própria língua a partir do uso feito pelos falantes. Há também línguas artificiais (também chamadas línguas auxiliares). Uma **língua artificial** é uma língua inventada com o propósito específico de comunicação ou para fins de linguagem computacional. O esperanto é geralmente a língua artificial

<sup>12</sup> Informações obtidas no portal da UEA. Disponível em: <https://uea.org/info>. Acesso em: 23 fev. 2021.

<sup>13</sup> A UEA, fundada em 1908, com sede nos Países Baixos, é uma instituição sem fins lucrativos reconhecida oficialmente pelo esperantismo para divulgar a língua e para fomentar discussões sobre diversidade linguística.

mais difundida (criada em 1887 pelo polonês Ludwik Lejzer Zamenhof). O léxico de tal língua foi construído com influência de línguas da Europa ocidental e há influência de línguas eslavas na sintaxe e na ortografia.

No CLG, Saussure (2012[1970], p. 116-117)<sup>14</sup> menciona o esperanto no capítulo sobre a imutabilidade e mutabilidade do signo:

Isso é tão verdadeiro [a evolução das línguas] que até nas línguas artificiais tal princípio tem de vigorar. Quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação; mas desde o momento em que ela cumpre sua missão e se torna posse de todos, foge-lhe ao controle. O esperanto é um ensaio desse gênero; se triunfar, escapará à lei fatal? Passado o primeiro momento, a língua entrará muito provavelmente em sua vida semiológica; transmitir-se-á segundo leis que nada têm de comum com as de sua criação reflexiva, e não se poderá mais retroceder. O homem que pretendesse criar uma língua imutável, que a posteridade deveria aceitar tal qual a recebesse, se assemelharia à galinha que chocou um ovo de pata: a língua criada por ele seria arrastada, quer ele quisesse ou não, pela corrente que abarca todas as línguas.

Por último, em um manual sobre as correntes de estudos linguísticos, Leroy (1967, p. 130) também se refere ao esperanto, porém contribuindo com a ideia de que o esperanto tem a função de sobrepor ou mesmo substituir as línguas nacionais:

Numa ordem de idéias semelhante, lembremos os esforços, que parecem estar hoje perdidos, dos membros da I.A.L.A. (*International Auxiliary Language Association*), para criar uma “língua auxiliar internacional”, concebida como uma língua construída, que se poderia sobrepor – ou até mesmo, para os mais otimistas, substituir – aos idiomas nacionais; idéia generosa, sem dúvida, e que está na origem de uma porção de tentativas (a mais conhecida das quais é o esperanto), mas que permanece ilusória, pelo menos na medida em que se tenha a ambição de criar outra coisa que não seja uma simbólica que, à maneira das fórmulas matemáticas, possa servir como meio de comunicação, num plano forçosamente restrito, aos técnicos desta ou daquela ciência. No restante, a unidade de uma linguagem artificial que tal seria logo ameaçada e arruinada pelas diferenças fundamentais de estrutura que separam as línguas daqueles que nela se iniciassem, e sobretudo pela ausência total de um plano cultural atrás de si em que pudesse apoiar-se.

Convém-nos advertir que nossa pesquisa não tem a intenção de findar a questão se o esperanto é uma língua artificial ou não; defendemos, apenas, a necessidade de se problematizar a questão e, de nossa parte, além de nos posicionarmos a favor da designação de *língua planejada* em detrimento de *língua artificial*, resta-nos corroborar

---

<sup>14</sup> Ainda não parece ser de conhecimento geral que Ferdinand de Saussure teve um irmão, René de Saussure (1868-1943), um esperantista e matemático suíço que se dedicou ao esperantismo. Cf. SAUSSURE, L. DE; ANDERSON, S. R. **René de Saussure and the theory of world formation**. Berlin: Language Science Press, 2018.

os discursos de que, mesmo planejada, ao ser utilizada pelos indivíduos, está sujeita a alterações – isto é, o esperanto não é imutável.

Nesse caminho, com efeito, a Sociolinguística Variacionista torna-se uma opção interessante para o nosso trabalho pelo fato de ter em sua constituição a preocupação com a tríade língua(gem)-cultura-sociedade; isso significa que ela se preocupa com a língua em um contexto social, imbricada à cultura de uma comunidade de fala. Assim sendo, acreditamos que, se adotássemos uma perspectiva formal, a qual desconsidera essa tríade, continuaríamos a olhar para o esperanto a partir do lugar-comum de que tal língua, por ser planejada, não possui falantes e por isso mesmo nunca *saiu do prelo*, além de que nos seria furtada a reflexão sobre a condição *sui generis* em que a língua se encontra, a saber, a de uma língua planejada que “se popularizou e formou uma comunidade linguística geograficamente dispersa e policultural” (OLIVEIRA, K., 2016a, p. 9).

Em segundo plano, filiar-se a ideias de cunho sociolinguístico possibilita investigações futuras sobre diversos temas que emergem com o esperanto. Alguns exemplos poderiam ser: quando, como e por que uma língua inicialmente planejada, cunhada inteiramente da vontade e empenho de um particular, alçou êxito ao ser adotada por comunidades de fala e de prática pelo mundo – a partir disso manifestar-se-iam reflexões sobre os efeitos da globalização, plurilinguismo, comunidades de prática e situação de contato de línguas entre o esperanto e as línguas maternas dos falantes; a possibilidade de um mapeamento das comunidades de falantes de esperanto espalhadas pelo mundo; e, finalmente, como procedem os fenômenos de variação e mudança na língua esperantista, uma vez que ela foi inicialmente um projeto e hoje há relatos da existência de falantes cuja língua materna é o esperanto, como nos conta Oliveira, K. (2016a, p. 12, grifo da autora):

Lindstedt (2010:02) calcula que há por volta de mil falantes nativos no mundo. Além disso, o autor afirma que já há falantes nativos de segunda e terceira geração, apesar de não haver nenhuma comunidade que use a língua de forma uniforme [...].

Os falantes nativos são uma evidência de que o esperanto é tão natural quanto qualquer outra língua.

O termo *denaskulo* é usado para designar os falantes nativos [...].

Todavia, neste estudo, compreendendo as relações intrínsecas da tríade língua(gem)-cultura-sociedade, nossa tarefa é descrever e analisar o estado atual do esperanto em território brasileiro. Situando-nos na tradição de estudos linguísticos que conferem a devida importância às influências sociais sobre as línguas, consideramos o esperanto em sua particularidade como um objeto possível de ser investigado



cientificamente, a fim de melhor entendê-lo no contexto brasileiro. Para isso, passemos à metodologia por nós adotada.

## Metodologia

Entendemos que as pesquisas bibliográfica e documental são atividades de grande relevância no fazer científico e, por isso mesmo, são um assunto constante de manuais de metodologia científica (GIL, 2002; BARROS; LEHFELD, 2007). No que nos concerne, tais atividades revelam ser de extrema significância, pelo fato de porem em evidência o que se produziu sobre o esperanto no Brasil até então, um objeto que raramente foi tomado pela investigação linguística (como já dito anteriormente e corroborado mais adiante), bem como por nos darem a conhecer as fontes para que se possam produzir novas e futuras investigações acerca do esperanto e de suas especificidades.

A importância da pesquisa bibliográfica também recai, ao colocar o pesquisador em diálogo com os autores que já refletiram sobre o tema de interesse, no fato de poder precavê-lo de um trabalho em vão, evitando que ele produza algo que já fora produzido. E, quanto à pesquisa documental, reiteramos a posição de Gil (2002) ao considerá-la como a investigação que toma por base fontes de dados diferentes daquelas da pesquisa bibliográfica – o que, no nosso caso, trata-se de materiais para além dos trabalhos acadêmico-científicos, a saber, serviços *web*, revistas, entre outros. O autor toma as pesquisas bibliográfica e documental como complementares, distinguindo-as apenas quanto ao tipo de material a ser coletado, de maneira que a pesquisa documental possa ampliar a diversidade de materiais abarcados na análise.

Assim sendo, trata-se, aqui, de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, realizada por intermédio de pesquisas bibliográfica e documental, cuja finalidade foi reunir e analisar um conjunto de materiais esperantistas ou que lidavam com o esperanto, com o propósito de revelar a possibilidade de se pesquisar o esperanto no Brasil, servindo-se do arcabouço teórico da Linguística.

Para a reunião e análise do conjunto de materiais, diversos tipos de leitura foram necessárias, ao molde do que propõe Gil (2002), a saber, a *leitura exploratória*, “que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa” (GIL, 2002, p. 77), dando uma visão global de cada um dos materiais; a *leitura seletiva*, que determina o “material que de fato interessa à pesquisa” (GIL, 2002, p. 78), tendo em mente os objetivos da mesma; a *leitura analítica*, que consiste em analisar os materiais coletados

como se fossem definitivos, ordenando e resumindo as informações contidas neles, embora ainda se possa adicionar novos itens ou suprimir algum que tenha sido escolhido; e a *leitura interpretativa*, “que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução” (GIL, 2002, p. 79), dessa vez, indo além dos dados.

### **Composição do corpus**

Para que pudéssemos caracterizar o estado do esperanto no Brasil a partir do que já fora produzido acerca do assunto, fez-se necessário elencar categorias de materiais que comporiam o nosso *corpus* de análise. As categorias elencadas foram a *acadêmico-científica*, a *informativa* e a de *materiais didáticos*, levando-se em conta, no caso das duas últimas categorias, materiais que, de alguma maneira, mostraram-se expressivos para o esperantismo.

Contudo, ressaltamos que tais categorias são meramente didáticas e não pretendem englobar toda a diversidade de produções do esperantismo. Aliás, decidimos não englobar materiais de cunho literário e artístico, uma vez que tal compromisso exigiria fluência dos pesquisadores na língua esperanto e mais tempo para investigar, nesses âmbitos, as produções propriamente brasileiras. Ainda assim, a título de curiosidade, vale mencionar que, quanto a artistas famosos esperantistas, no âmbito da música, há nomes como *Kajto* e *La Porkoj*, encontráveis na internet; e, quanto ao meio literário, há escritores famosos como William Auld e Kalman Kalocsay<sup>15</sup>.

Sobre os critérios de seleção dos materiais para cada uma das categorias assumidas, primeiramente, admitimos para a categoria acadêmico-científica a coleta de dados em três bibliotecas virtuais de produção acadêmica brasileiras, a SciELO<sup>16</sup>, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, e o Portal de Periódicos CAPES, por serem referências nacionais.

Em serviços de busca de dados é comum a exigência da inserção de palavras-chave para encontrar os resultados de interesse; nas três bibliotecas virtuais mencionadas, buscamos dados a partir das palavras-chave *esperanto* e *esperantismo*, por serem termos gerais e parecerem esgotar as possibilidades de busca sobre o assunto. Aliás, pelo fato de

---

<sup>15</sup> Para os que se interessarem por literatura esperantista, até a data deste trabalho, encontrava-se na internet para ser adquirida a obra intitulada *Concise Encyclopedia of the Original Literature of Esperanto*, de Geoffrey Sutton, publicada pela Editora Mondial em 2008 e sem tradução para o português.

<sup>16</sup> Scientific Electronic Library Online.

o Portal de Periódicos CAPES abranger uma vasta quantidade de dados em diferentes idiomas, filtramos os resultados de busca para o idioma português, reduzindo um universo de 5.258<sup>17</sup> para um total de 31 resultados<sup>18</sup>, embora tenha sido necessário remover a maioria dos dados, uma vez que, mesmo com o filtro de idioma em português aplicado, ainda havia dados em outros idiomas, como também dados duplicados, referências bibliográficas sem o texto anexado, e textos que apenas citavam *esperanto* uma única vez ou que transgrediam a temática da cultura esperantista e/ou da investigação da língua, não tendo relevância para nossa pesquisa – tal remoção nos mostra a importância das leituras exploratória e seletiva dos materiais, referidas anteriormente.

Como ilustrado abaixo, na tabela 1, a remoção dos resultados do Portal de Periódicos da CAPES resultou em um único item a compor nosso *corpus*. Ainda com as palavras-chave mencionadas, o SciELO retornou apenas um resultado, mas este foi dispensado por se tratar do mesmo documento que apareceu no Portal de Periódicos da CAPES e que já havíamos recolhido. Já o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES retornou 8 resultados, dos quais um não foi encontrado e um não se tratava de um estudo sobre o esperanto (apenas fazia alusão à língua planejada). Nós ainda encontramos mais seis textos na internet, fora dessas bases de dados, mas caracterizados como textos científicos: dois artigos derivados da dissertação de Oliveira, K. (2016b,c), duas publicações de Colling (2012a,b) sobre o esperanto em um mesmo caderno da Semana de Letras da UFSC, um capítulo de livro sobre tradução na língua esperantista (LEITE, JR., 2018), publicado no Repositório Institucional da UFC, e um artigo, na revista da UFPR, sobre literatura esperantista (NETTO DE MORAES, 2020) – todos eles serão identificados como *Outros* na tabela 3, na coluna *Biblioteca virtual*. A seguir, apresentamos a tabela 1 com a quantidade de materiais encontrados e qualificados para compor o *corpus*.

<b>Biblioteca virtual</b>	<b>Palavra-chave</b>	<b>Quantidade bruta de resultados / Quantidade com filtro p/ o português</b>	<b>Quantidade de resultados para o <i>corpus</i></b>
Portal de Periódicos CAPES	Esperanto	5.258 / 31	1
Portal de Periódicos CAPES	Esperantismo	3 / 0	0

<sup>17</sup> Acesso ao Portal em 28 abr. 2021.

<sup>18</sup> A título de curiosidade, chama a atenção que, na data de acesso ao Portal da CAPES, do universo de resultados sem filtros, o segundo idioma mais presente – atrás do inglês, com 3.794 resultados – seja o esperanto, com 793 resultados, o que nos leva a crer que são todos ou a maioria produções em esperanto.

Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Esperanto	8 / 8	6
Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES	Esperantismo	0	0
SciELO	Esperanto	1 / 1	0
SciELO	Esperantismo	0	0
Outros* (* repositórios diversos)	esperanto; esperantismo	6 / 6	6
	<b>TOTAL:</b>	5.276 / 46	13

**Tabela 1** - Quantidade de materiais da categoria acadêmico-científica<sup>19</sup>.

Para a categoria informativa, levamos em conta algumas revistas eletrônicas produzidas e difundidas no interior do movimento esperantista e alguns serviços *web* do cotidiano esperantista. As revistas escolhidas foram a *Brazila Esperantisto*, revista da *Brazila Esperanto-Liga* (BEL), associação oficial de fomento do esperanto no Brasil, e a *La Lampiro*, revista da *Esperanto-Asocio de San-Paulo*, associação paulista de esperanto. De âmbito internacional, foram escolhidas a *Esperanto* e a *Kontakto* – a primeira pertencente à *Universala Esperanto-Asocio* (UEA), instituição oficial do movimento esperantista no mundo, e a segunda à *Tutmonda Esperantista Junulara Movado* (TEJO), seção juvenil da UEA.

Todavia, por se tratar de revistas existentes há anos e por possuírem tiragem periódica, optamos por recolher apenas uma edição mais recente de cada revista, totalizando quatro edições para a análise, sendo elas: *Brazila Esperantisto* nº 361 (2019), *La Lampiro* nº 167 (2021), *Kontakto* nº 300 (2020) e *Esperanto* nº 1353 (2021). Consideramos também uma revista de divulgação do movimento chamado *Descubra o esperanto: uma língua fascinante*, de uma única edição, que contém diversas informações a respeito de aspectos básicos da língua e de sua cultura. Identificamo-la por *atemporal* pelo motivo de a revista não possuir informações de publicação.

Já os serviços *web* elencados foram a agenda de eventos *Eventa Servo*, que divulga eventos esperantistas do mundo inteiro; e o *Pasporta Servo*, um catálogo de esperantistas do mundo inteiro que se dispõem a hospedar falantes de esperanto em viagens.

Por último, na categoria de materiais didáticos, elencamos para a análise o *Lernu!*, um serviço *web* de aprendizagem de esperanto; o dicionário ilustrado *Plena Ilustrita*

<sup>19</sup> Fonte: elaboração própria

*Vortaro de Esperanto* (PIV) e a gramática *Plena Manlibro de Esperanta Gramatiko* (PMEG), ambos virtuais; o *software* de aprendizagem *Kurso de Esperanto*, que contém doze lições para aprender a língua; e o livro *Fundamento de Esperanto*, de Zamenhof, o qual contém a gramática do esperanto e alguns exercícios de aprendizagem da língua recomendados pelo próprio criador.

Em síntese, ilustramos abaixo a quantidade de materiais que foram analisados e a lista de todos os materiais coletados com os seus títulos em ordem alfabética.

Tabela 2. Quantidade de materiais analisados por categoria

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade de materiais analisados</b>
Acadêmico-científica	13
Informativa	7
Materiais didáticos	5
<b>TOTAL:</b>	25

Tabela 2 - Quantidade de materiais analisados por categoria<sup>20</sup>.

	<b>Categoria</b>	<b>Título, Autor, Ano</b>	<b>Tipo de material</b>	<b>Biblioteca virtual</b>
1	Acadêmico-científica	A batalha das línguas artificiais: volapük, o primeiro ator. Garvía (2012)	Artigo	SciELO
2	Acadêmico-científica	Adaptação de empréstimos em esperanto. Oliveira, K. (2016a)	Dissertação	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
3	Acadêmico-científica	A estrutura silábica em esperanto. Oliveira, K. (2016b)	Artigo	Outros
4	Acadêmico-científica	A pedagogia <i>Bonaesperense</i> : Um estudo de caso da Fazenda-Escola <i>Bona Espero</i> . Borges (2000)	Dissertação	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES

<sup>20</sup> Fonte: elaboração própria.

5	Acadêmico-científica	Comparação entre os sistemas fonéticos do esperanto e do português. Colling (2012a)	Artigo	Outros
6	Acadêmico-científica	Epêntese vocálica em posição medial de palavras em esperanto. Oliveira, K. (2016c)	Artigo	Outros
7	Acadêmico-científico	Machado de Assis em esperanto. Leite Jr. (2018)	Artigo	Outros
8	Acadêmico-científica	O caráter verbo-nominal do aspecto em Esperanto. Laroca (2009)	Tese	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
9	Acadêmico-científica	O funcionamento da noção de língua em instrumentos midiáticos de divulgação linguística. Jurach (2011)	Dissertação	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
10	Acadêmico-científica	Referências culturais necessárias para a compreensão de <i>El la verda biblio</i> , de Lejzerowicz. Colling (2012b)	Artigo	Outros
11	Acadêmico-científica	Renovação lexical do esperanto: mecanismos de formação de neologismos. Dias (2007)	Dissertação	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
12	Acadêmico-científica	Semelhanças e dessemelhanças entre <i>La granda kaldrono</i> e <i>La casa verde</i> . Netto de Moraes (2020)	Artigo	Outros
13	Acadêmico-científica	Traduzir o esperanto lírico de Henri Michaux: um projeto de tradução. Druciak (2004)	Dissertação	Catálogo de Teses e Dissertações CAPES
14	Informativa	Brazila Esperantisto n° 361, 2019	Revista	NA
15	Informativa	Descubra o esperanto: uma língua fascinante	Revista	NA
16	Informativa	Esperanto, n° 1354, 2021	Revista	NA
17	Informativa	Eventa Servo	Website	NA
18	Informativa	Kontakto, n° 300, 2020	Revista	NA
19	Informativa	La Lampiro n° 167, 2021	Revista	NA
20	Informativa	Pasporta Servo	Website	NA

21	Materiais didáticos	Fundamento de Esperanto. Zamenhof (2015)	Livro	NA
22	Materiais didáticos	Lernu!	Website	NA
23	Materiais didáticos	Kurso de Esperanto	Software/ Aplicativo de celular	NA
24	Materiais didáticos	Plena Ilustrita Vortaro de Esperanto (PIV)	Website	NA
25	Materiais didáticos	Plena Manlibro de Esperanta Gramatiko (PMEG)	Website	NA

Tabela 3. Lista dos dados coletados em ordem alfabética e por categoria<sup>21</sup>.

De uma outra maneira, pudemos classificar as categorias de materiais elencadas em *esperanto na academia* (acadêmico-científica) e *esperanto fora da academia* (informativa; materiais didáticos). Na seção seguinte, partiremos dessa divisão para apresentar nossas análises, reiterando que, por conta dos limites do artigo, tivemos que selecionar apenas alguns dos materiais do *corpus*. Para essa escolha, consideramos aqueles que, para nossos objetivos, trazem elementos e/ou discussões mais significativos(as).

### **Análise do material coletado**

Nossas análises são resultado de leituras analítica e interpretativa dos materiais coletados.

### **Esperanto na academia**

A dissertação de Dias (2007) se situa no campo da Lexicologia, tendo como tema os mecanismos de formação de neologismos no esperanto. No primeiro capítulo do trabalho, sobre o histórico da língua esperanto, o autor aborda o desinteresse acadêmico pela língua, apontando para dois fatores: primeiro “pelo conteúdo, considerado de pouco interesse científico, e segundo pelo risco de o envolvimento dos pesquisadores com seus objetos de estudo redundar em falta de credibilidade às pesquisas” (DIAS, 2007, p. 15). As justificativas apontadas por ele para não se ignorar o esperanto são: a língua estar sendo efetivamente falada em vários lugares do mundo; a existência de uma cultura própria da comunidade esperantista, por meio da produção de obras originais e traduções

<sup>21</sup> Fonte: elaboração própria.

para o esperanto; a possibilidade, como em qualquer outra língua, de expressar qualquer pensamento por meio do esperanto; e o fato de a língua planejada ser um projeto de língua auxiliar, e não substituta das línguas étnicas. Sobre a quantidade de falantes de esperanto no mundo, o autor pondera:

Se bem que a questão do número de falantes seja bastante controversa, ainda que fosse apenas mil, o fato de tais falantes estarem comunicando-se por todo o mundo, utilizando-se desta língua, já a torna um interessante objeto de estudo. (DIAS, 2007, p. 16).

O problema que o autor levanta com o tema de sua dissertação é que “desde o lançamento do primeiro vocabulário em 1905, com cerca de 2600 palavras intercombináveis, o esperanto vem aumentando o repertório lexical paulatinamente.” (DIAS, 2007, p. 17). Assim, os objetivos gerais da investigação são “proceder a um início de sistematização da documentação histórica da evolução lexicológica do esperanto; e verificar os mecanismos lexicogênicos utilizados atualmente, para determinar se há vitalidade lingüística” (DIAS, 2007, p. 49).

Ao final da pesquisa, Dias conclui que “os dados analisados comprovam que há vitalidade na produção neológica do esperanto, o que se deve à sua peculiar facilidade de composição e derivação” (DIAS, 2007, p. 87).

Embora, como já mencionamos, o intuito do nosso trabalho não seja o de rematar a questão se o esperanto é uma língua artificial ou não, vale a pena fazer menção a uma seção da pesquisa intitulada *Os postulados do esperanto* (no interior do primeiro capítulo), que objetiva examinar certos postulados que indicam a vitalidade do esperanto. Retomamos abaixo, uma listagem dos postulados que o autor propõe discutir na seção referida.

Para fundamentar que o esperanto é língua viva, postulamos que:

- a) Há de haver falantes fluentes.
  - b) Há de haver correspondência escrita freqüente entre os usuários.
  - c) Há de haver jornais, revistas e livros publicados na dita língua.
  - d) Há de haver transmissão radiofônica ou televisiva periódica na língua em questão.
  - e) Há de haver evolução lexical na língua em questão, em decorrência dos fundamentos anteriores.
  - f) Há de haver uma sociedade de falantes que a utilize cotidianamente.
- (DIAS, 2007, p. 24).

A tese de Laroca (2009) aborda como objeto de investigação o uso do aspecto em esperanto, tendo como hipóteses que “o aspecto está presente e funciona no uso da língua” e que “o aspecto tem caráter verbo-nominal em esperanto” (LAROCA, 2009, p. 21). O



modelo adotado pela linguista para a análise da aspectualidade no esperanto é o funcionalismo norte-americano.

O trabalho é dividido em sete seções. Na quarta, referente à visão geral do esperanto, a linguista retoma a discussão sobre a designação da língua. Segundo ela, “é consenso no meio esperantista que a designação *língua artificial* carrega uma conotação pejorativa” (LAROCA, 2009, p. 65, itálico da autora). Ademais, a linguista também opta por designar o esperanto de “língua planejada”. Mais à frente, apresenta e problematiza as noções de interlíngua e interlinguística: interlíngua, segundo a pesquisadora, pode significar uma língua internacional planejada ou étnica (como a coiné grega e o latim), ou ainda a segunda língua que um falante concebe em sua aprendizagem; já a interlinguística é o estudo das línguas planejadas.

Otto Jespersen, um dos primeiros *interlinguistas*, definiu a *Interlinguística* como o ramo da Linguística que pesquisa a estrutura e as ideias básicas de todas as línguas “com a finalidade de estabelecer uma norma para as interlínguas” (SHUBERT; 1989:16), isto é, línguas auxiliares destinadas ao uso oral e escrito entre pessoas que não podem fazer-se entender por meio de suas línguas nativas (LAROCA, 2009, p. 67).

Laroca (2009) também menciona a intuição linguística que Zamenhof teve em um de seus livros sobre o esperanto, ao afirmar que

Tudo o que é aperfeiçoável será aperfeiçoado pelos conselhos do mundo. Eu não quero ser o criador da língua, mas apenas o seu iniciador (PRIVAT, 1969, p. 128) (LAROCA, 2009, p. 71-72).

Assim que, segundo a linguista:

Quando Zamenhof delega poderes aos “conselhos do mundo” para aperfeiçoar o Esperanto, ele antecipa o pensamento de Ferdinand de Saussure, que considera a língua como uma instituição de domínio de uma sociedade (LAROCA, 2009, p. 72).

Dessa maneira, o criador do esperanto teria sido um pioneiro em reconhecer a característica social e de mudança das línguas.

A linguista também chama a atenção para a presença do esperanto no Brasil, afirmando que há cursos de ensino da língua em associações esperantistas, em

[...] universidades como a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas); a Universidade de São Paulo (USP), na Escola de Comunicações e Artes, com seu grupo de pesquisa científica com duas áreas que se intercomunicam: a Cibernética Pedagógica e o esperanto; além de cursos de extensão universitária nas universidades de Brasília (UNB) e Ceará (UFCE). Atualmente o projeto de lei nº 27

de 21/02/2008, de autoria do Senador Cristovam Buarque, propõe a inclusão facultativa da disciplina Esperanto no ensino médio das escolas oficiais do Brasil (LAROCA, 2009, p. 82).

Menciona também a existência da *Fazenda-Escola Bona Espero*, uma instituição esperantista de educação situada em Goiás<sup>22</sup> e o dado de existirem cerca de mil falantes nativos de esperanto, relatando uma experiência que teve ao utilizar o *Pasporta Servo* (serviço de viagens esperantista presente no *corpus*) e conhecer o filho esperantista de seu anfitrião na Bélgica.

Ainda abordando a língua esperantista, Laroca (2009) aponta para o mundo do esperanto (chamado também de *Esperantujo*) como uma *comunidade de prática*, definida pelas sociolinguistas Eckert e McConnell-Ginet:

A comunidade esperantista, que se reúne em encontros reais e também virtuais na Internet, ou participa de simpósios, seminário, congressos (...), lembra-nos as chamadas “comunidades de prática” (*community of practice*), assim definidas por Eckert; McConnell-Ginet (1992, p. 464): “[...] um grupo de pessoas que se unem empenhadas em um trabalho conjunto. Maneiras de fazer coisas, modo de falar, crenças, valores, relações de poder – em suma: práticas – emergem ao longo desse mútuo empreendimento. (LAROCA, 2009, p. 86)

A dissertação de Oliveira, K. (2016a) é um trabalho do âmbito da fonologia, que “buscou avaliar por quais caminhos fonológicos novas raízes [morfológicas] são incorporadas ao esperanto” (OLIVEIRA, K., 2016a, p. viii).

O trabalho é dividido em cinco partes principais. Logo na introdução, chama a atenção o primeiro parágrafo, o qual certamente poderá surpreender o leitor que somente ouviu falar do esperanto como uma língua artificial:

O esperanto é uma língua planejada, mas não é artificial. Evoluiu naturalmente para uma língua corrente, que, assim como qualquer língua, está sujeita à variação e à mudança. Por ter sua comunidade linguística espalhada por vários países, fatores linguísticos e de identificação da cultura esperantista são difíceis de serem estudados. (OLIVEIRA, K., 2016a, p. 1)

Além disso, na mesma seção, a autora adentra na discussão do que vem a ser as línguas planejadas, e menciona uma tipologia que problematiza a noção de língua artificial, argumentando que no interior dessa noção há uma vastidão de tipos de línguas (linguagens de programação, línguas artísticas, reconstruções como o proto-índoeuropeu, *pidgins*, entre outros). Mais à frente, a autora se dedica, ainda que brevemente,

---

<sup>22</sup> A dissertação de Borges (2000), da área de pedagogia e presente em nosso *corpus*, se debruçou sobre o funcionamento da Fazenda-Escola Bona Espero.

a questões como o que é o esperanto, onde ele é falado, sobre falantes nativos, e problematiza o que é cultura, defendendo que o esperanto possui uma, mas que ela não se assenta em um sentimento nacional, como normalmente a entendemos, uma vez que a comunidade esperantista está dispersa pelo planeta.

Na segunda seção do trabalho, a autora faz um levantamento dos trabalhos produzidos sobre a fonologia do esperanto; para isso, ela recorreu a buscas em bibliotecas de produção científica (Google Acadêmico, SciELO, entre outros), em referências bibliográficas de artigos que já tinha conhecimento, em sites de busca geral *online*, e a contatos de pesquisadores que já publicaram algo referente ao esperanto. A seguir, a linguista apresenta, a partir da bibliografia recolhida, os sistemas consonantal e vocálico do esperanto e sua estrutura silábica.

Na terceira seção, Oliveira, K. apresenta o arcabouço teórico que pretende mobilizar na análise dos dados da seção seguinte. A pesquisadora se apropria da Fonologia de Empréstimo (*Loanword phonology*), de Calabrese & Wetzels (2009 apud OLIVEIRA, K., 2016a, p. 53), a qual considera

[...] como empréstimo uma palavra que não esteja presente no léxico da L1 (língua materna) e seja adaptada de um item lexical proveniente de uma outra língua, cujo sistema fonológico o falante pode conhecer profundamente ou de forma apenas superficial (CALABRESE & WETZELS, 2009).

Dito isso, “quando um fone não está presente na língua que está emprestando a palavra, ele é substituído pelo que for mais ‘próximo’, ‘mais parecido’” (OLIVEIRA, K., 2016a, p. 54). Ademais, a linguista discorre sobre a possibilidade da adaptação lexical poder ser por meio fonético ou por meio fonológico (OLIVEIRA, K., 2016a, p. 59), distinguindo um tipo do outro, e também sobre a influência que a ortografia propicia na adaptação.

Na quarta seção, apresenta o meio pelo qual montou o *corpus* de palavras emprestadas de outras línguas ao esperanto e o analisa, tendo em vista sua atenção às alterações fonético-fonológicas dessas palavras. A pesquisadora seccionou sua análise em consoantes, vogais, estrutura silábica, adaptação por meio da fonética, por meio da ortografia, palavras em variação sincrônica e propostas intencionais de novas palavras, e topônimos. Parece-nos relevante mencionar dois pontos: primeiramente, o aumento do vocabulário esperantista indicado pela pesquisadora:

O projeto da língua (*Unua libro* - Primeiro livro), publicado em 1887, possuía um vocabulário de um pouco mais de 900 verbetes. Em 1893

foi publicado o *Universala Vortaro* (Dicionário Universal) que, em 1905, foi aceito como parte do *Fundamento de Esperanto*, com cerca de 2.600 entradas lexicais. O *Plena Vortaro* (Dicionário Completo), de 1954, possuía 7.866 entradas lexicais, enquanto o *PIV*, publicado em 1970, tinha 16.000 (Wells, 1989, p. 55). O *Nova PIV*, de 2005, por sua vez, possuía 17.000 (Dias, 2009) (OLIVEIRA, K., 2016a, p. 66).

Em seguida, a presença de variação no léxico da língua, como aponta Oliveira, K. (2016a, p. 94):

A comunidade linguística costuma discutir bastante sobre os possíveis processos de adaptação e aceitação de novos radicais, seja por meio de redes sociais, por listas de e-mails ou durante congressos. De qualquer forma, o que vale, é claro, é o uso real da palavra pelos falantes. *Facebook*, por exemplo, foi adaptada de duas formas: *vizaĝlibro* e *fejsbuko*. A primeira é uma adaptação semântica direta das palavras inglesas *face* (rosto, *vizaĝo* em esperanto) e *book* (livro, *libro*, em esperanto). [...] Parece-nos, entretanto, que a variante *fejsbuko* é mais amplamente usada pelos falantes.

Ambos os pontos parecem corroborar a nossa posição que vimos defendendo desde o início, a saber, que hoje o esperanto é uma língua viva.

Nas considerações finais do trabalho, a linguista conclui que as consoantes vindas das línguas de origem tendem a ser adaptadas por segmentos semelhantes do sistema fonético do esperanto e as vogais longas tendem a ser adaptadas como vogais breves, além de reconhecer certos aspectos descobertos sobre a estrutura silábica.

Por fim, expusemos também a variabilidade entre adaptações baseadas mais na forma fonética da palavra ou mais na forma ortográfica, além de palavras que têm mais de uma variante de adaptação em esperanto ou que foram introduzidas na língua de forma intencional.

[...]

Procuramos mostrar, entre outras coisas, que o esperanto é uma língua efetivamente usada, e não uma utopia, como alguns pensam (OLIVEIRA, K., 2016a, p. 98).

Levando-se em conta esses três materiais acadêmicos apresentados e os demais que compuseram a categoria acadêmico-científica, tornou-se possível depreender ao menos dois tópicos que perpassam todos ou a maioria dos materiais. O primeiro tópico, e mais geral, diz respeito à vivacidade do esperanto, corroborado tanto pela investigação de aspectos gramaticais ou estruturais da língua – tais como adaptação lexical e formação de neologismos, aumento de vocabulário e uso de aspectualidade pelos falantes –, como pela existência de uma suposta literatura esperantista própria e também traduzida de línguas nacionais. O segundo tópico concerne à problematização da designação *língua artificial* ao esperanto: Laroça (2009), Oliveira, K. (2016a), Leite Jr. (2018) e Jurach

(2011)<sup>23</sup> se referem explicitamente à questão, sendo os três primeiros contrários à designação, enquanto o último trabalho se mostra favorável, embora a autora se baseie em uma definição dicionarística e simplista de *língua artificial* e de *língua natural*, sem nenhum embasamento mais teórico.

### Esperanto fora da academia

A *Brazila Esperantisto* (PB: Esperantista Brasileiro) é a revista oficial da *Brazila Esperanto-Ligo* (BEL; PB: Liga Brasileira de Esperanto), instituição responsável pela promoção do movimento esperantista no Brasil. No *website* da instituição<sup>24</sup> constam 36 edições da revista, do período de abril de 1907 a agosto de 2019.

A edição que compõe o nosso *corpus* é a mais recente disponível no *website*, a Ano 112, Nº 361, agosto de 2019<sup>25</sup>. Ela possui 16 páginas e traz na capa a chamada *Tri Gravaj Gazetoj* (PB: Os Três Importantes Jornais) – cf. figura 1.



**Figura 1** - Printscreen da capa da *Brazila Esperantisto* Ano 112, Nº 361, agosto de 2019.

Na tabela a seguir, apresentamos sucintamente a descrição das seções do exemplar analisado.

<sup>23</sup> Cf. nota de rodapé 10.

<sup>24</sup> Disponível em: [www.esperanto.org.br/info/](http://www.esperanto.org.br/info/). Acesso em: 14 jul. 2021.

<sup>25</sup> Disponível em: [http://esperanto.org.br/info/dok/BE/BE\\_361.pdf](http://esperanto.org.br/info/dok/BE/BE_361.pdf). Acesso em: 21 jul. 2021.

Tabela 4. Seções da *Brazila Esperantisto* Ano 112, Nº 361, agosto de 2019.

Seção	Descrição
1. <i>Ĉefartikolo: Tri Gravaj Gazetoj</i> (PB: Editorial: Os Três Importantes Jornais)	Editorial da revista; aborda a importância histórica de três jornais esperantistas para o desenvolvimento do esperantismo em seu início, a saber, os jornais <i>La Esperantisto</i> , <i>Lingvo Internacia</i> e <i>La Revuo</i> .
2. <i>Junularo: Junaj Impresoj</i> (PB: Juventude: Impressões [dos] Jovens)	Coletânea de depoimentos de alguns participantes jovens do 53ª BKE / 38ª BEJK – Congressos da BEL e da BEJO <sup>26</sup> , que acontecem simultaneamente; a edição relatada aconteceu no ano de 2018, em Curitiba/PR.
3. <i>Kulturo: Aquaman, La filmo</i> (PB: Cultura: Aquaman, o filme)	Resenha do filme estadunidense de fantasia <i>Aquaman</i> , da DC Comics.
4. <i>Movado: Brazilaj Kongresoj de Esperanto</i> (PB: Movimento: Congressos Brasileiros de Esperanto)	Crônica sobre como foi a edição 54ª BKE / 39ª BEJK de 2019, em Goiânia/GO.
5. <i>Literaturo: Konkurso Paulo Silas</i> (PB: Literatura: Concurso Paulo Silas)	Exposição de dois textos literários (um em prosa e outro em verso) ganhadores do 1ª <i>Literaturo Konkurso Paulo Silas</i> (PB: 1º Concurso Literário Paulo Silas)
6. <i>Movado: BKE - Solena malfermo</i> (PB: Movimento: BKE - Abertura solene)	Destaque dos principais pontos de uma palestra que ocorreu na abertura solene da 54ª BKE, cujo tema foi <i>Esperanto, kulturo kaj arto: unuiĝintaj en la konstruado de nova socio</i> (PB: Esperanto, cultura e arte: unidos na construção de uma nova sociedade).
7. <i>Forpasoj: Alberto Flores, Lucas Barbosa kaj Walmir Rego</i> (PB: Falecimentos: Lucas Barbosa e Walmir Rego) + Última página da revista	Texto sobre a vida de três esperantistas que faleceram no ano do número da revista. Ademais, a última página da revista traz um exercício sobre provérbios em esperanto relacionados ao tema <i>trabalho</i> , em que o leitor precisa preencher as frases com as palavras dispostas num quadro.

**Tabela 4** - Seções da *Brazila Esperantisto* Ano 112, Nº 361, agosto de 2019<sup>27</sup>.

No geral, a revista contribui para a defesa da vivacidade do esperanto, particularmente no Brasil, ao apresentar textos de autoria brasileira que refletem sobre a história do esperantismo, resenha de filme escrita por esperantistas brasileiros e a promoção de concursos literários – sendo a produção literária uma das evidências talvez mais contundentes da existência de uma cultura atrelada à língua.

<sup>26</sup> Ao passo que a *BEL - Brazila Esperanto-Liga*, como mencionado anteriormente, é a associação oficial de fomento do esperanto no Brasil, a *BEJO - Brazila Esperantista Junulara Organizo* é a seção juvenil da BEL. A *TEJO* a que já fizemos menção no texto tem um papel semelhante à *BEJO*, porém em âmbito global.

<sup>27</sup> Fonte: elaboração própria.

O *Eventa Servo* (PB: Serviço de Eventos)<sup>28</sup> é um *website*, um serviço global em que esperantistas do mundo inteiro podem divulgar seus eventos. A plataforma foi criada pelo esperantista brasileiro Fernando Ŝajani (lê-se Fernando Chaiani) em 2017, e doado pelo autor à UEA em 2019. Na data de acesso, estavam registrados na plataforma: 1 evento na África, 25 na América, 6 na Ásia e 76 na Europa.

No *website*, há uma barra de navegação fixa no topo com um campo para buscar algum evento pelo título e ao lado direito dois botões próximos: um de adicionar um novo evento e um que leva o usuário a uma lista de organizações esperantistas que registraram eventos na plataforma. A plataforma também conta com três modos de exibição dos eventos publicados: *kartaro* (PB: cartão), *kalendaro* (PB: calendário) e *mapo* (PB: mapa). Também é possível filtrar os eventos por *Internacia eventoj* (PB: eventos internacionais), *Lokaj kunvenoj* (PB: reuniões locais), *Kursoj* (PB: cursos), *Aliaj* (PB: outros), *Unutagaj* (PB: um dia) e *Plurtagaj* (PB: vários dias).

Com essa plataforma, os aprendizes de esperanto participam de conversações com esperantistas do mundo inteiro, o que acaba por complementar a aprendizagem autodidata e centrada na gramática característica do estudo dessa língua.

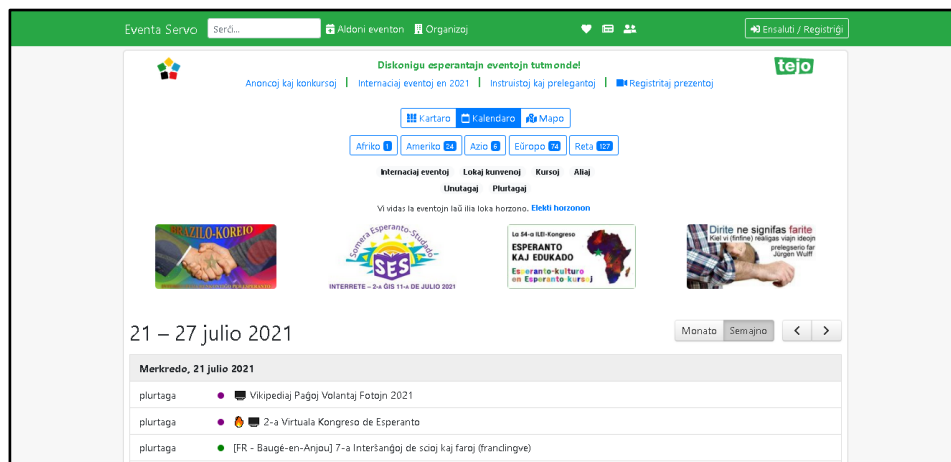


Figura 2 - Printscreen da plataforma *Eventa Servo*

*Plena Manlibro de Esperanta Gramatiko*<sup>29</sup> (PMEG; PB: Manual Completo de Gramática do Esperanto) é a gramática definitiva do esperanto, produzida pela Academia de Esperanto. A obra foi escrita pelo esperantista sueco Bertilo Wennergren, membro da Academia desde 2001<sup>30</sup>, e possui as versões impressa e digital. A versão digital (à qual

<sup>28</sup> Disponível em: <https://eventaservo.org>. Acesso em: 23 jul. 2021.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://bertilow.com/pmeg/>. Acesso em: 28 jul. 2021.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://bertilow.com/bertilo/index.html>. Acesso em: 28 jul. 2021.

tivemos acesso) parece seguir a estrutura da versão impressa, sendo dividida em quatro partes: 1. *Skribo kaj Elparolo* (PB: Escrita e Pronúncia); 2. *Gramatiko* (PB: Gramática); 3. *Vortfarado* (PB: Formação de palavras); e 4. *Aldonoj* (PB: Anexos).

Diferentemente da gramática presente no *Fundamento de Esperanto* (ZAMENHOF, 2015), que apresenta as dezesseis regras estruturais da língua de maneira muito concisa (estas que nos soam como regras categóricas da língua, em contraposição às possíveis regras variáveis que talvez existam na língua), a PMEG tem uma extensão notadamente maior e trata de aspectos não abordados pelo *Fundamento*, como a classe dos determinantes, a ordem das palavras na sentença, a expressão de hora e data etc, além de esmiuçar exaustivamente o que foi abordado no *Fundamento*. Chamou-nos a atenção o fato de, diferentemente de as classes de palavras serem chamadas de substantivo, adjetivo e advérbio como no *Fundamento*, a PMEG designar essas classes de “palavras-O”, “palavras-A” e “palavras-E”, respectivamente, fazendo alusão ao morfema terminal que as palavras recebem no esperanto, o que evidencia o potencial descritivo da gramática. Cabe ponderar, entretanto, que a PMEG não se trata de uma gramática voltada para os aprendizes de esperanto iniciantes, em razão da alta carga terminológica utilizada na obra.



**Figura 3** - Printscreen da versão digital de *Plena Manlibro de Esperanta Gramatiko*

*O Fundamento do Esperanto: gramática, exercícios, vocabulário universal* é uma obra de grande importância para o movimento esperantista, pois ela foi escrita pelo próprio Zamenhof e publicada em 1905, servindo de *marco zero* do esperanto. A edição brasileira foi traduzida por Túlio Flôres e publicada pela BEL em 2015. Nota-se que a



edição é bilíngue, pois os textos são apresentados em esperanto e português. Sobre o conteúdo do livro, diz Zamenhof:

Para que uma língua internacional possa progredir bem e regularmente, e para que se tenha plena certeza de que nunca desmorone, nem que um passo irrefletido de seus amigos futuros destrua os trabalhos de seus amigos passados, – é imprescindível, antes de tudo, uma condição: a existência na língua de um **Fundamento** que jamais se possa violar ou modificar (2015, p. 25, grifo do autor).

Das partes do livro, mencionamos a *Declaração sobre a essência do esperantismo*, que, segundo a apresentação da edição brasileira, “é justamente esse texto que dá ao Fundamento seu estatuto de documento obrigatório e inalterável da língua internacional Esperanto”; a *Gramática fundamental*, na qual constam as dezesseis regras gramaticais da língua; a lista de exercícios de leitura; e o vocabulário, tratando-se da primeira lista de palavras da língua elencadas por Zamenhof. O objetivo desses componentes do *Fundamento* – a gramática, a lista de exercícios e o vocabulário – é servirem de material de estudo para os iniciantes no esperantismo. Porém, esse material tornou-se, de certa maneira, obsoleto, dada a existência de materiais mais recentes e atualizados para o aprendizado da língua, além dos aplicativos de *smartphone* e serviços como o *Lernu!*, hoje facilmente acessíveis. Ainda assim, é inegável o valor histórico do *Fundamento de Esperanto*, aliás, talvez a obra seja o primeiro material didático de ensino-aprendizagem de esperanto.

Em suma, concernente à revista apresentada anteriormente e a outras que compuseram o *corpus*, pôde-se apreender que as cinco coletadas para análise, a saber, *Brazilo Esperantista*, *Descubra o esperanto*, *Esperanto*, *Kontakto* e *La Lampiro*, independentemente de sua regionalidade (se são brasileiras ou globais), enfocam em questões atuais do mundo, como a pandemia de COVID-19, o lançamento de livros e filmes, a divulgação de eventos etc. Nota-se também que todas as revistas analisadas são integralmente redigidas em esperanto, exceto a *Descubra o esperanto*<sup>31</sup>, que foi traduzida para o português; o que demonstra que essas publicações são destinadas a um público-alvo mais maduro na vivência com o esperanto. Semelhantemente, as plataformas *Eventa Servo* e *Pasporta Servo* não possuem tradução para o português, embora tenham um ambiente simples e até intuitivo de navegação.

Quanto aos itens da categoria de materiais didáticos, para além do PMEG e do *Fundamento* apresentados acima, pôde-se apreender uma abordagem de ensino de

---

<sup>31</sup> Cf. nota de rodapé 10.

esperanto extremamente voltada para a gramática da língua, talvez pelo fato de a mesma possuir um número muito limitado de regras gramaticais, isto é, dezesseis. Dessa forma, tanto o *Lernu!* como o *Kurso de Esperanto* parecem se ater ao *método de gramática e tradução*, ou *método indireto*, pois este se baseia “no uso da tradução e no estudo do vocabulário e das estruturas sintáticas” (OLIVEIRA, L., 2014, p. 76), método tradicional ainda utilizado no ensino-aprendizagem de línguas. Assim, nesses dois cursos, o aprendiz é levado a decorar vocabulário (sempre acompanhado de tradução na língua do aprendiz), regras gramaticais e traduzir sentenças, embora ambos os cursos contenham outros recursos, como uma narrativa de pano de fundo para as lições (no caso do *Lernu!*), ilustrações, músicas e pronúncia (no caso do *Kurso de Esperanto*<sup>32</sup>). Contudo, cabe fazer a ressalva de que tais cursos, incluindo a obra *Fundamento de Esperanto*, servem para uma aprendizagem autodidata, deixando entrever o papel fundamental que a participação do aprendiz em eventos, por meio do *Eventa Servo*, e a leitura regular das revistas do movimento podem ter de somar à vivência que o aprendiz tem com o esperanto.

### **Considerações finais: o estado da arte do esperanto no Brasil**

Para nosso estudo, partimos de algumas evidências empíricas de que o esperanto está, atualmente, sendo falado no mundo, especialmente no Brasil. Com o intuito de contribuir para o estudo do esperanto – objeto teórico ainda pouco explorado na academia –, inter-relacionando língua, cultura e sociedade, propusemo-nos a descrever e analisar a situação atual do esperanto no Brasil. Assim sendo, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica e documental a partir de um conjunto de materiais sobre a língua – em sua maioria, de produção brasileira – concernentes a diversos ambientes discursivos.

Ponderamos que o olhar formalista sobre o esperanto deixava escapar o caráter *sui generis* da língua planejada, e, por isso, posicionamo-nos na vertente social, entendendo que, assim, múltiplas possibilidades de pesquisa futuras de caráter sociolinguístico poderiam ser abertas.

Os materiais da categoria acadêmico-científica deixaram entrever a preocupação dos pesquisadores a respeito da vivacidade do esperanto na atualidade e da melhor designação da língua – se *língua artificial* ou se *língua planejada*. Esses materiais se

---

<sup>32</sup> Cf. nota de rodapé 10.

debruçaram sobre aspectos diversos do esperanto, como o aumento do vocabulário, a estrutura silábica, a tradução de obras brasileiras para o esperanto etc.

Já os materiais da categoria informativa puderam comprovar a produção extensiva dos esperantistas, seja por meio das revistas publicadas regularmente – nas quais pôde-se verificar a presença de resenhas de filmes, notícias, contação de piada, concursos literários etc –, seja por meio das plataformas *online* *Eventa Servo* e *Pasporta Servo*, que são atualizadas constantemente. Os materiais didáticos, por sua vez, revelaram-se extremamente voltados para a gramática da língua: tanto o *Fundamento*, obra histórica do esperantismo, como os materiais mais atuais, o *Lernu!* e o *Kurso de Esperanto*, deixando em segundo plano os aspectos culturais atrelados ao esperanto.

Esperamos, por fim, que este artigo sirva de estímulo aos interessados que desejarem, em alguma ocasião, pesquisar sobre o esperanto.

## REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. Sociolinguística parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, vol. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipóstase. In: BAGNO, M.; LAGARES, X. (Org.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 355-387.

BARROS; A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BORGES, R. M. R. **A pedagogia bonaesperense: Um estudo de caso da Fazenda-Escola Bona Espero**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

CÂMARA Jr., M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.

COLLING, I. E. Comparação entre os sistemas fonéticos do esperanto e do português. **Cadernos da Semana de Letras**. Curitiba, vol. 2, p. 140-154, 2012a.

COLLING, I. E. Referências culturais necessárias para a compreensão de *El la verda biblio*, de Lejzerowicz. **Cadernos da Semana de Letras**. Curitiba, vol. 2, p. 140-154, 2012b.

DIAS, A. E. W. **Renovação lexical do esperanto: mecanismos de formação de neologismos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

DRUCIAK, C. L. **Traduzir o esperanto lírico de Henri Michaux**: um projeto de tradução. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

GARVIA, R. A batalha das línguas artificiais: volapük, o primeiro ator. **Tempo Social**. São Paulo, vol. 24, n. 2, nov. 2012.

GESSER, A. **LIBRAS, que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JURACH, I. **O funcionamento da noção de língua em instrumentos midiáticos de divulgação linguística**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LAROCA, M. N. C. **O caráter verbo-nominal do aspecto em Esperanto**. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

LEITE Jr., J. Machado de Assis em esperanto. In: TORRES, M-H. C.; FREITAS, L. F.; COSTA, W. C. (org.) **Machado de Assis, Literatura e Tradução**. Florianópolis: Substância, 2018, p. 103-119.

LEROY, M. **As grandes correntes da Linguística Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1967.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NETTO DE MORAES, R. M. Semelhanças e dessemelhanças entre *La granda kaldrono* e *La casa verde*, **Revista X**, v. 15, n. 6, p. 765-776, 2020.

OLIVEIRA, K. G. **Adaptação de empréstimos em esperanto**. 2016. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016a.

OLIVEIRA, K. G. A estrutura silábica em esperanto. **Domínios de Linguagem**. Uberlândia, v. 10, n. 2, 2016b.

OLIVEIRA, K. G. Epêntese vocálica em posição medial de palavras em esperanto. **Revista Estudos Linguísticos**. [S.l.], v. 45, n. 1, 2016c.

OLIVEIRA, L. A. **Métodos de ensino de inglês**: teorias, práticas, ideologias. São Paulo: Parábola, 2014.

OOSTENDORP, M. V. “Constructed language and linguistic theory”, **Association Belgique de Linguistique**, 2000.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira (posfácio). In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968], pp. 131-151.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. BALLY, C; SECHEHAYE, A. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968]..

ZAMENHOF, L. L. **O fundamento do esperanto**: gramática, exercícios, vocabulário universal. Brasília: Liga Brasileira de Esperanto, 2015.

Submetido em: 22 de outubro de 2021.

Aprovado em: 24 de agosto de 2022.

#### **Como referenciar este artigo:**

BARROS, Caio Vinícius da Silva. As inter-relações entre língua, cultura e sociedade com vistas ao entendimento do esperanto no Brasil. **revista Linguagem**, São Carlos, v.42, n.1, 2022 p. 109-137.